

# Por que e como certos poemas fazem rir? Uma leitura de *Poema-piada: breve antologia da poesia engraçada*

---

## *Why and How Certain Poems Make You Laugh? A Reading of Joke-Poem: A Brief Anthology of Funny Poetry*

Wilberth Salgueiro\*  
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

333

**RESUMO:** No livro *Poema-piada - breve antologia da poesia engraçada* (São Paulo: Ubu, 2017), organizado por Gregório Duvivier, há 28 poetas (entre os quais 5 mulheres) e 53 poemas, de Gregório de Matos a Bruna Beber, passando por Oswald de Andrade, Millôr Fernandes, Paulo Leminski, Leila Mícolis e outros “clássicos” quando se pensa em poetas cujas obras têm no humor um forte recurso. Mais do que (tentar) indicar que possíveis critérios orientaram a seleção da antologia, a proposta é (a) deslindar que recursos os poemas utilizam para a produção do humor e (b) delinear os “temas” dos poemas, atentando especialmente para aqueles que abordam questões sociopolíticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Humor e Literatura. Poesia brasileira humorística. Teorias do humor - Poesia. Poemas humorísticos - Análise crítica. Gregório Duvivier - *Poema-piada: breve antologia da poesia engraçada*.

**ABSTRACT:** *Poema-piada - breve antologia da poesia engraçada* [Joke-Poem - a brief anthology of funny poetry] (São Paulo: Ubu, 2017), a collection organized by Gregório Duvivier, comprises the works of 28 poets (including 5 women) represented in a list of 53 poems. Gregório de Matos, Bruna Beber, Oswald de Andrade, Millôr Fernandes, Paulo Leminski, and Leila Mícolis are some of the “classic” authors in the anthology whose works have a strong appeal to humor. Rather than attempting to suggest what possible criteria guided the selection process of the compilation, I propose to (a) unravel what resources the poets use to produce humor and (b) delineate the “themes” of the poems, paying particular attention to those that address sociopolitical issues.

---

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do CNPq.

**KEYWORDS:** Humor and Literature. Brazilian Humoristic Poetry. Theories of Humor - Poetry. Humoristic Poems - Critical Analysis. Gregório Duvivier - *Poema-piada: breve antologia da poesia engraçada*.

## Siderações iniciais

Foi imensa a surpresa que tive quando, em junho de 2017, recebi uma mensagem via whatsapp de Gregório Duvivier. Nela, o multiartista me convidava a participar de uma antologia de poemas de humor que ele estava organizando. E o convite vinha porque ele se lembrava de, ainda no ensino médio no Rio de Janeiro, ter lido uns haicais meus por intermédio do professor de literatura, meu amiguíssimo Miguel Falbo, e de ter gostado por sobretudo os tais poemas provocarem algum riso.

Honrado, claro, enviei para ele meu antigo livro de haicais, *Digitais*, de 1990, época em que eu fazia mestrado na UFRJ, com meus vinte e poucos anos. Poucos meses após o contato, a Ubu lançava o simpático volume *Poema-piada - breve antologia da poesia engraçada*, com 64 páginas, em formato de bolso e capa dura.

334



Capa do livro. Fonte: Disponível em: <https://www.ubueditora.com.br> > poema-piada.

A surpresa do contato via whatsapp se renovou quando, ao ler o “Prefácio” de Duvivier, me deparo com a generosa referência a Miguel e a mim (o haicaísta Bith), mas principalmente quando o organizador diz que um livro foi “especialmente precioso” em sua pesquisa à busca de poemas e análises, e este livro era *Forças & formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea (dos anos 70 aos 90)*, minha tese de doutorado tornada livro em 2002. Surpreso ficou ele, então, ao descobrir que aquele poeta Bith era a mesma pessoa que, agora, o ensaísta Wilberth, professor da Universidade Federal do Espírito Santo.

Por todo o seu trabalho de humorista nos esquetes de Porta de Fundos, por seus inúmeros trabalhos na mídia impressa e audiovisual (com destaque para o semanário Greg News) e por seu trabalho de antologista de poemas de humor, convidamos Gregório Duvivier para participar do XXI Congresso de Estudos Literários - O humor na literatura, em outubro de 2019 na Ufes. De pronto, aceitou, mas incompatibilidades com a agenda (bem concorrida) impediram sua vinda. Por tudo isso, decidi elaborar eu mesmo algumas reflexões a partir do opúsculo *Poema-piada* - que, apesar da fama do organizador, da qualidade da seleção e da beleza e praticidade do volume, não parece ter tido a merecida repercussão.

335

### Um pouco sobre humor

É próprio do humor - e seus congêneres - não se deixar aprisionar por nenhum discurso específico. São múltiplas as perspectivas e as teorias sobre humor, e se transformam bastante ao longo da história.

Desde Aristóteles, há uma nítida distinção entre o sério e o ridículo. Já dizia o Estagirita que a comédia era imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do

torpe que é ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente (ARISTÓTELES, 1984, p. 245). Para a tragédia reservam-se as ações e os caracteres elevados, nobres; o que for baixo, vil, plebeu, grotesco - isso fica para a comédia.

Em seu romance *O nome da rosa*, de 1980, o escritor italiano Umberto Eco (1983) traz à tona, via ficção, uma instigante hipótese: e se Aristóteles tivesse mesmo escrito um livro sobre a comédia? Em caso afirmativo, quem - ou que instituição - se interessaria por não deixar que o texto viesse a público? E por quê? Há tanto perigo assim em largar “a comédia” solta por aí? O personagem Jorge de Burgos, monge cego que mantinha sob segredo a existência da obra, convencido do poder - para ele, maldito - que o riso comporta (como o escorpião e seu veneno são indissociáveis), acaba *comendo* as páginas onde estariam desenvolvidas as reflexões do Estagirita, em meio a um incêndio cinematográfico na biblioteca do convento. Leva, para o fogo infernal, mais do que uma “obra” sobre o riso, uma possibilidade a menos de *saber*.

336

Sigmund Freud, no final do seu estudo *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1977), compara as técnicas do chiste com as do sonho. Henri Bergson (1983) vê no riso uma proeminente função social. Vladimir Propp (1992) conclui ser inexequível subdividir o cômico em vulgar ou elevado e igualmente impossível definir aprioristicamente se a comicidade é um fenômeno extraestético. Se recorremos aos conhecidos estudos de Mikhail Bakhtin (1993), encontramos a diferença entre riso e seriedade: esta é monológica, disciplinada, sedentária e sistêmica; aquele é dialógico, irrequieto, nômade e anárquico. Para Friedrich Nietzsche (2006), tanto quanto “jogar” e “dançar”, “rir” compõe zaratustras. Entre as possíveis linhas de fuga, de que fala Gilles Deleuze (1995), certamente o riso tem lugar reservado. O poeta W. H. Auden, em artigo intitulado “Notas sobre o cômico” (1993, p. 285), utiliza uma epígrafe de G. C. Lichtenberg que vem

bem a calhar: “A melhor maneira de se conhecer o caráter de uma pessoa é examinar a natureza da brincadeira que a mesma levou a sério”.

Georges Minois mostra em sua *História do riso e do escárnio* (2003) que o riso e, por extensão, o conceito de humor variam ao longo dos séculos, são plurais, ambivalentes, mercuriais. Não são nem somente destronadores ou dessacralizadores, como pretendem alguns, nem conservadores ou autoritários, como querem outros. Sem dúvida, de um jeito ou de outro, incomodam, porque o riso e o bom humor em geral rompem, no imediato, com a lógica e o contexto em que aparecem: “As técnicas variaram, mas sempre rimos para zombar de nós, para acalmar nosso medo, para manifestar nossa simpatia, para reforçar nossos vínculos e para excluir” (2003, p. 629).

Enfim, são tantos os modos de abordagem e as nomenclaturas relativas ao humor que qualquer tentativa de homogeneização do conceito redundaria em falsificação. Daí, revela-se quase inevitável optarmos, como o fez Eduardo Menezes (1974), pela complementariedade e multiplicidade ao invés da divergência e invariabilidade. Semelhante percepção tem Benedito Nunes, em seu artigo “O riso modernista” (1993, p. 29), em que considera

o humorístico no sentido lato, compreendendo a verve do chiste, da piada, da anedota, da paródia, e das várias espécies do cômico - o burlesco, o bufo, o grotesco, ora carregado na ironia e no sarcasmo, ora apresentando o mesquinho e o ridículo, ora satirizando, ora intensificando o contraste até o absurdo - o que seria o humorismo propriamente dito, como uma atitude complexa em face do mundo.

Em síntese, apesar de muitas vezes ser um conceito tido como autoevidente, o humor possui múltiplas, nuançadas e contraditórias definições. Ademais, a leitura de poemas engraçados, como nesta antologia, nos faz perceber que o humor pode ser apropriado como uma *categoria* poética e que a poesia pode servir a um *interesse* humorístico.

## Síntese da antologia

No livro *Poema-piada - breve antologia da poesia engraçada* (2017), organizado por Gregório Duvivier, há 28 poetas (entre os quais apenas 5 mulheres) e 53 poemas, de Gregório de Matos a Bruna Beber, passando por Oswald de Andrade, Millôr Fernandes, Paulo Leminski, Leila Mícolis e outros “clássicos” quando se pensa em poetas cujas obras têm no humor um forte recurso.

No conjunto, a escolha parece ter se pautado mesmo (a despeito da obviedade tautológica da observação) na expectativa de o poema produzir “graça”, riso, humor, alguma blague ou *boutade*. Em termos de “tema e assunto”, em sentido lato, se destacam poemas de tom político, de abordagem erótica e de crítica de costumes.

338

Há hegemonia de poetas contemporâneos (pós-2000), seguida de poetas/poemas dos anos 1990, 80 e 70. Isolados, restam Juó Bananère, Oswald de Andrade e Gregório de Matos. Os poemas não vêm ordenados cronologicamente.

Mais produtivo do que indicar possíveis critérios que orientaram a seleção da antologia (há pistas no “Prefácio” do organizador), melhor poderá ser (a) deslindar que recursos alguns poemas utilizam para a produção do humor e (b) delinear os “temas” dos poemas, atentando especialmente para aqueles que abordam questões sociopolíticas e eróticas

Doravante, sempre de forma breve, para ficar no espírito da antologia e no espírito do humor, que preferem a concisão (feito Oswald: “Amor / Humor”), comentemos alguns dos poemas pinçados por Gregório, o Duvivier<sup>1</sup>.

## Seis poemas de *Poema-piada* e brevíssimos comentários

### 1. JOSÉ PAULO PAES

#### “*Ménage à trois*”

casa de ferreira  
espeto de paulo<sup>2</sup>

O poema de Paes - que abre a antologia - instaura um código de permissiva licenciosidade já a partir do título (*ménage à trois*) que, apesar da língua francesa, é uma expressão bastante conhecida. Segue-se ao título uma paródia do também popular provérbio “casa de ferreiro, espeto de pau”, que indica o descompasso entre o público (servir a outrem como “ferreiro”) e o privado (o espeto da casa não é feito de ferro, mas de pau).

339

No dístico “casa de ferreira / espeto de paulo” ocorre um preciso paralelismo entre os gêneros masculino e feminino, se lemos em *casa* um símbolo da genitália feminina (que seria propriedade *de ferreira*) e em *espeto* um símbolo da masculina - pênis, pau. Por sua vez, *pau* está contido em *paulo*, assim como *casa* é um cognato de *casal*, até se transformar num *ménage à trois*. Paira, enfim, um fálico *ferro* no nome de *ferreira*.

---

<sup>1</sup> Nos comentários, por vezes, vou recuperar reflexões desenvolvidas por mim mesmo no referido livro *Forças & formas*, de 2002, ou no recente *A primazia do poema*, de 2019, haja vista que, em ambos, há poemas que analisei e que estão presentes na antologia de Gregório Duvivier.

<sup>2</sup> O livro não indica número de páginas (N.E.).

O provérbio é desconstruído porque sua especificidade reside na previsibilidade de tudo aquilo que *funciona* decorado ou prevê *utilidade e ensinamento*. Além disso, o poema fala de um dos grandes tabus da nossa cultura: a fidelidade - o riso, ou um *relaxamento*, quando se liga a questões de sexualidade, pode decorrer do significado de distensão face aos constantes tabus impostos pela sociedade e interiorizados na mente dos indivíduos. Através de acréscimos e supressões (ferreir- o,a; pau- lo), o poeta trabalha o mesmo material (a palavra), produzindo ambivalências e condensando sentidos.

## 2. MILLÔR FERNANDES

### “Da discussão (nasce a luz?)”

Tivemos uma troca de palavras  
Mesquinhas:  
Agora eu estou com as dela  
E ela está com as minhas.

340

Millôr é o poeta que mais tem poemas na antologia em pauta, o que indicia, sem dúvida, sua importância quando se trata de pensar poesia e humor, mas demonstra o quanto também sua obra anda esquecida, considerada a escassez de estudos em torno de sua grande e variada produção.

Aqui, o humorista parece se referir à famosa expressão “DR”, que significa “discutir a relação”, sobre a qual há mundos de estudos. Ao poeta, porém, interessa o aspecto “mesquinho” da situação, ou seja, se a “troca de palavras” poderia levar a alguma harmonia de conflitos, a alguma razoável deliberação conjugal, o que se vê é que ao fim cada um permanece no mesmo lugar onde sempre esteve, em posição reativa.

Em vez de luz, no sentido de esclarecimento e compreensão, o obscurantismo permanece hegemônico. A mesquinhez que troca de lado (mas um lado onde



já estava) diz que a mediocridade impera - e para isso, ou contra isso, pitadas de humor são profiláticas.

### 3. BRUNA BEBER

#### “Romance em doze linhas”

quanto falta pra gente se ver hoje  
quanto falta pra gente se ver logo  
quanto falta pra gente se ver todo dia  
quanto falta pra gente se ver pra sempre  
quanto falta pra gente se ver dia sim dia não  
quanto falta pra gente se ver às vezes  
quanto falta pra gente se ver cada vez menos  
quanto falta pra gente não querer se ver  
quanto falta pra gente não querer se ver nunca mais  
quanto falta pra gente se ver e fingir que não se viu  
quanto falta pra gente se ver e não se reconhecer  
quanto falta pra gente se ver e nem lembrar que um dia se conheceu.

O poema é cristalino: amores vêm e vão, romances têm tempo de validade. Desde o título, o humor se instala, pois à ideia de romance, como namoro e relação sentimental, se mistura a noção de gênero literário, que pressupõe uma narrativa em geral longa. Daí, um romance curto e em versos (linhas) já antecipa a cisão e o estranhamento que à “gente” ocorrem. A brevidade da composição, em doze linhas, acelera a passagem do tempo: não se sabe, com precisão, o tempo real que tal relação amorosa durou, mas a sensação é de que foi rápida, sendo o poema de tamanho relativamente curto. A escansão do poema acompanha a trajetória teoricamente meteórica do - suponhamos - casal envolvido: as sílabas poéticas dos doze versos fazem um desenho do movimento: 10, 10, 12, 11, 15, 11, 13, 12, 15, 16, 16, 20 sílabas. Visualmente, teríamos um movimento com idas e vindas, mas progressivo, encenando, a partir do tamanho dos versos, a instabilidade das relações amorosas e sua trajetória em direção a um ápice (no caso, um acúmulo de desencontros que termina em fatal esquecimento).

341

A despeito do ponto final do poema, o teor do “enredo” e as letras minúsculas dos versos dão a entender que se trata de um ciclo, que o romance/poema há de se repetir com toda a gente, o que não deixa de ter um tom melancólico. Melancolia, no entanto, que produz humor e riso. Por que se ri de algo supostamente triste e melancólico? O humor é um efeito de linguagem. Para Theodor Adorno, em “A arte é alegre?” (2001), o humor deve fazer pensar, refletir, ser crítico. A flutuação crescente do tamanho dos versos encontra correspondência na estrutura do poema e de seu “conteúdo”: a repetição por doze vezes de “quanto falta pra gente” ganha variação, a cada linha; há uma passagem sutil do tempo e da relação entre os envolvidos. Cada linha marca uma etapa do romance, no rumo de seu desfazimento. A linha/verso aumenta à medida que, inversamente, diminui o interesse de um pelo outro. Esse curto-circuito entre aquilo que se diz e o como se diz é o que provoca o humor, e, bem provável, a empatia com o poema e o seu sucesso.

#### 4. BITH

342

um homem... (foi ontem  
no parapeito da ponte  
- só ficou a ponte)

Em meio a tantos poemas de *Digitais* muito mais explicitamente bem-humorados, Duvivier selecionou este, algo mórbido, para compor a sua antologia. Mórbido por insinuar o suicídio de alguém, de “um homem” que aparece e desaparece deixando em seu lugar o parapeito da ponte.

O que parece provocar o humor neste poema é (aliás, como em qualquer artefato humorístico) a linguagem. Se a imagem produzida, ligando homem e ponte e a seguir ponte sem homem, pode induzir à hipótese de suicídio é porque (a) a “homem” se segue reticências, encenando alguma ação não completada ou omitida; (b) a expressão “foi ontem” sugere um acontecimento marcante, digno de - por algum motivo - ser lembrado; (c) a

ideia de parapeito, diz o dicionário, supõe algo que “serve para apoiar quem nela se debruça”, e assim reforça a sugestão de que o homem nele tivesse se debruçado para o salto; (d) a solidão da ponte antropomorfiza e ecoa a solidão do homem, como se ela fosse, literalmente, apenas o meio para o fim; (e) a sequência sonora de seis /o/ e quatro /p/ dão uma sensação de movimento - decerto do homem, e não da ponte.

Mórbido, ou nervoso, o humor aqui talvez seja, na verdade, um humor feliz, já que nunca ninguém saberá se o homem pulou ou não do parapeito, e esse não saber pode ser bom, e podemos rir, sem culpa.

## 5. LEILA MÍCCOLIS

### “Posição”

Injustiça e veneno  
é dizer que só me deito sobre os louros.  
Também sob os morenos...

343

A voz feminina subverte as “posições”: de submissa a “dona do pedaço” (não “só” de *uns*, mas também de *outros* homens); brinca com as falácias do discurso ressentido que insiste em se “debruçar” sobre *injustiça* e *veneno*; recria a expressão “deitar-se sobre os louros”, traduzindo-a em literal e irônica, porque reticente, sexualidade no verso seguinte: “Também sob os morenos...”.

Leila tem feito, com todos os trocadilhos, uma poesia *sui generis* e feminista militante. Há décadas vem denunciando em versos fortes, claros, chistosos a opressão que sofrem mulheres, gays, índios, negros e a hipocrisia de situações familiares, conjugais, políticas e afins.

Os títulos de seus livros já são um cartão de visita: *Respeitável público*, *Em perfeito mau estado*, *O bom filho a casa torra*, *Desfamiliares*. Com seu ferino

bordão (“poeta, porque em poetisa todo mundo pisa”), vai desafinando toda “Vã filosofia”: “Falas muito de Marx, / de divisão de tarefas, / de trabalho de base, / mas quando te levantas / nem a cama fazes...”. Sua posição, em síntese, é de quem ri das pedras no caminho dos louros que não de vir.

## 6. GLAUCO MATTOSO

### “DO DECORO PARLAMENTAR [2003]”

– O ilustre senador é um sem-vergonha!  
– O quê?! Vossa Excelência é que é safado!  
E os dois parlamentares, no Senado,  
disputam palavrão que descomponha.

Um grita que o colega usa maconha.  
Responde este que aquele outro é viado.  
Até que alguém aparte, em alto brado  
anima-se a sessão que era enfadonha.

Inútil tentativa, a da bancada,  
de a tempo separar o par briguento:  
aos tapas, se engalfinham por um nada...

Imagem sem pudor do Parlamento,  
são ambos mais sinceros que quem brada:  
– Da pecha de larápio me inocento!

344

O soneto “Do decoro parlamentar” é o poema que encerra a antologia em foco. Os catorze versos do poema narram uma cena que, embora não devesse, se tornou corriqueira entre nós, que é a troca (pública) de insultos e palavrões entre políticos brasileiros, lembrando os versos de Millôr Fernandes, uma das declaradas referências de Glauco. Os rigorosos decassílabos heroicos, já pela harmonia e ordem rítmico-estrutural a que devem obedecer, entram em conflito com a desordem do quadro que se pinta, entre palavrões, gritos, brados e tapas. De modo similar, o jogo rímico regular (ABBA / ABBA / CDC / DCD) e as rimas todas consoantes ampliam o contraste da cena: sob a capa de um equilibrado soneto clássico, se testemunha uma despudorada cena de incivildade, em que graves acusações (“sem-vergonha” e “safado”) se

disfarçam, irônica e hipocritamente, em tratamento respeitoso (“ilustre senador” e “Vossa Excelência”).

As agressões se estendem e avançam para o que os parlamentares consideram uma injúria, quando se acusam de “maconheiro” e “viado”: aqui, preconceito e estereótipo se confundem, confirmando o despreparo cultural e intelectual da maioria de nossos políticos, que tantas vezes atuam como porta-vozes de pensamentos retrógrados e regressivos, como se fosse ofensa gravíssima o “outro” utilizar uma droga ilícita (embora muitas, como o álcool, sejam liberadas) ou preferir exercer uma sexualidade diferente da que tais parlamentares consideram “correta” (enquanto mantêm, às escondidas, relações opressivas e ofensivas). O “grito” - já por si um sinal de insuficiência de argumento - vira um “alto brado” coletivo, insinuando-se talvez aqui uma paródia ao “brado retumbante” de nosso hino, símbolo da nação que os políticos deveriam representar.

345

Se todo o poema se dirige, para nossa tranquilidade e cumplicidade, aos políticos (parlamentares), o verso final soa feito bofetada quando chama de mentiroso todo aquele que se diz inocente. Para Glauco, sem dúvida, os políticos não prestam, mas, ao que parece, somos - também - indecorosos.

### **Para concluir**

Como diz o professor e psicanalista Daniel Kupermann, “Parafrazeando Freud, pode-se dizer que o humor não se opõe ao que é sério, mas a uma realidade deserotizada e à lucidez mórbida criada por uma concepção de mundo na qual princípio de realidade e princípio de prazer encontram-se inelutavelmente associados” (2003, p. 93.) Noutras palavras, o humor traz à tona um conflito que evidencia a vontade - constantemente reprimida - de erotismo e fantasia. Quando se ri (e necessariamente o humor não se expressa em forma de riso),

o homem ativa potências opressoras, e essa potência não é a seriedade, como tanto se afirma.

Daí, ousar rir é ousar pensar, ousar se libertar do senso comum e da mesmice que robotizam as pessoas. Rir, ou realizar em algum grau o gesto humorístico, a partir de poemas elaborados esteticamente para tal fim, implica no mínimo uma dupla sessão: versos divertidos. Se há piada aqui neste *Poema-piada* é piada de bom gosto, piada-poema que pode ser lida ou contada uma, duas, seis ou cinquenta e três vezes, porque, sendo sobretudo poema, há um sabor gostoso (princípio de prazer) que gruda ali onde o gozo se dá: na língua.

## Referências

- ADORNO, Theodor. A arte é alegre? In: PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio Álvaro Soares (Org.). *Teoria crítica, estética e educação*. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 11-18.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- AUDEN, Wystan Hugh. *A mão do artista*. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Siciliano, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. Brasília: EdUnB, 1993.
- BERGSON, Henri. *O riso*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BITH. *Digitais*. Rio de Janeiro: Portopalavra, 1990.
- DELEUZE, Gilles. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DUVIVIER, Gregório (Org.). *Poema-piada: breve antologia da poesia engraçada*. São Paulo: Ubu, 2017.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Tradução de Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

- FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 8.
- KUPERMAN, Daniel. *Ousar rir: humor, criação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- MENEZES, Eduardo. O riso, o cômico e o lúdico. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, ano 68, v. 68, n. 1, p. 5-16, jan./fev. 1974.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução de Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Unesp, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- NUNES, Benedito. O riso modernista. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 28-38, 1993.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- SALGUEIRO, Wilberth. *Forças & formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea (dos anos 70 aos 90)*. Vitória: Edufes, 2002.